



Biblioteca da Assembleia da República

DOSSIER DE IMPRENSA



ID: 24353416

25-03-2009

BANCA ■ 180 MILHÕES PARA FAZER UMA "VILAMOURA ÀS PORTAS DE LISBOA"



Franquelim Alves criticou ontem as prioridades da gestão da equipa de Miguel Cadilhe

Gestão de Miguel Cadilhe criticada

● Franquelim Alves, antigo administrador da SLN, assumiu ontem, na comissão de inquérito ao BPN, que pediu a demissão do grupo por estar em desacordo com a política de gestão seguida por Miguel Cadilhe.

O ex-administrador explicou que, no seu entender, "resolver o problema do banco de forma isolada não levaria [o grupo] a bom porto", dada a elevada dependência financeira das empresas não-financeiras do universo SLN em relação ao BPN. Para Franquelim Alves, Miguel Cadilhe "teve uma lógica de endividamento extremo". Quando questionado sobre a nacionalização do banco, Franquelim Alves respondeu que "seria sempre necessária uma solução com intervenção do Estado, chegando ao ponto a que se chegou". ■ D.R.

BPN financiou negócio de Rio Frio

■ Proprietário dos terrenos junto ao Campo de Tiro de Alcochete nega que tenha tido acesso a informação privilegiada sobre o novo aeroporto

● DIANA RAMOS

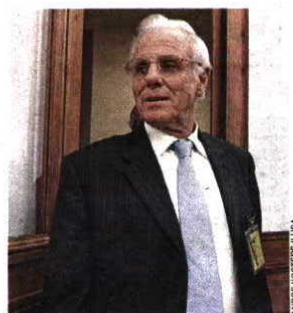
Fernando Fantasia, co-proprietário de terrenos com a Sociedade Lusa de Negócios (SLN) junto ao Campo de Tiro de Alcochete, rejeitou ontem, na comissão de inquérito parlamentar, quaisquer insinuações sobre a obtenção de informação privilegiada sobre a localização do novo aeroporto de Lisboa, junto a Rio Frio. Mas assumiu que o BPN concedeu crédito às empresas por si detidas no valor de 180 milhões de euros.

O negócio da compra dos terrenos foi levado ao BPN pelo empresário Emílio Catum, sócio de Fantasia na Pluripart.

Oliveira e Costa chamou Fernando Fantasia e perguntou-lhe se conhecia o negócio e se era possível "fazer uma Vilamoura melhor às portas de Lisboa".

"Este negócio começou em 2003", explicou Fernando Fantasia aos deputados, acrescentando: "O que é que acontecia em 2003 para justificar que tivéssemos negociado o primeiro terreno em Rio Frio?" Segundo o empresário do sector imobiliário, os terrenos na região do novo aeroporto de Lisboa foram sendo "adquiridos ao longo dos anos".

Recorde-se que a negociação para a compra de cerca de quatro mil hectares da herdade de Rio



Fernando Fantasia

Frio, que Fernando Fantasia apelidou de Rio Frio 2, resultou num investimento de 87 milhões de euros, obtidos com um empréstimo "financiado através do Banco Comercial Português". "Ficaram os terrenos como garantia", acrescentou Fernando Fantasia. ■

🔍 PORMENORES

● **NEGOCIAÇÕES**
As negociações para a compra dos quatro mil hectares da herdade de Rio Frio decorreram entre Agosto e Dezembro de 2007.

● **COMPRA ANTECIPADA**
Um accionista da SLN garantiu ao CM que os terrenos foram comprados "duas semanas" antes de o Governo anunciar a localização do novo aeroporto.

● **TENSÃO**
Houve um conflito dentro da SLN sobre a entrega desse património à SLN ou ao BPN.



Luís Figo foi a cara do BPN

Luís Figo "desagradado" com caso BPN

● O futebolista internacional português Luís Figo está "desagradado e surpreendido" com a situação do BPN, avançou Miguel Macedo, representante dos direitos de imagem do jogador. "O Luís Figo mantém relação contratual com o BPN desde 2000 e a ligação termina no final deste ano", adiantou Miguel Macedo, confirmando que, apesar do processo que decorre, "o BPN tem cumprido com todos os compromissos". Já o agente de Catarina Furtado, que protagonizou alguns anúncios para o banco, garante que "não há nada para ficar envergonhado", salientando que o contrato com o BPN já terminou. ■ P.H.G./LUSA



Franquelim Alves, ontem, à entrada para a Comissão de Inquérito ao BPN

ANDRÉ KOSTER/LUSA

Negócio em Alcochete acordado oralmente com Oliveira Costa

BPN. Antigo gestor da Sociedade Lusa de Negócios assumiu ontem que teria preferido a nacionalização total do grupo SLN e não apenas do Banco Português de Negócios

■ EVA CABRAL

Fernando Fantasia garantiu ontem, na Assembleia da República, que a última avaliação feita aos 4000 hectares comprados na zona de Alcochete foram recentemente avaliados em 1100 milhões de euros, uma quantia que "garante por três vezes os empréstimos que foram concedidos pelo universo do BPN/SLN para que o negócio se tivesse podido concretizar".

O empresário – que à hora de fecho desta edição começara a responder aos deputados da comissão de inquérito ao caso BPN – reconhece que a empresa OPI que liderou a operação foi por si criada há mais de 20 anos, mas que foi

obrigado a ceder capital ao grupo SLN por precisar de músculo financeiro. Primeiro cedeu 20 % e posteriormente mais 70 %, num negócio só recentemente concretizado apesar de ter sido oralmente acordado no tempo da gestão de Oliveira Costa.

Antes os deputados ouviram Franquelim Alves, ex-gestor da SLN defender que "seria sempre necessária a intervenção do Estado no BPN". Recusou, no entanto, dizer se concorda com a nacionalização ou se teria sido preferível outra solução. Recusou, contudo, a solução que chegou a ser proposta pela equipa de Miguel Cadilhe por considerar que o Estado devia ter um papel efectivo na ges-

Figo descontente com situação do BPN

O futebolista internacional português Luís Figo está "desagradado e surpreendido" com a situação do BPN, avançou à Lusa Miguel Macedo, representante dos direitos de imagem do jogador. "O Luís Figo mantém relação contratual com o BPN desde 2000 e a ligação termina no final deste ano", acrescentou a mesma fonte, assegurando ainda que "o BPN tem cumprido com todos os compromissos". "O Luís Figo foi apanhado no meio de uma tempestade muito grande. O banco teve a situação que teve e o Luís não é imune. Agora, está na expectativa para perceber quais são as intenções do BPN, sendo certo que até agora têm cumprido", afirmou.

tão o grupo, e não apenas no encontro de meios financeiros para resolver os seus aflitivos problemas de tesouraria. Questionado por Honório Novo, do PCP, sobre se preferia que o Estado tivesse optado por nacionalizar todo o universo da SLN em, vez de apenas o BPN, o gestor acabou por anuir ainda que apenas com um aceno de cabeça.

O antigo administrador da SLN confirmou ainda que aprovou as contas relativas a 2007, apesar de não ter estado ligado à gestão da actividade desse exercício, adiantando que "essas contas reflectem a situação oficial e não o impacto de situações como a do Insular". Para Franquelim Alves a aprovação das contas foi feita por ter a noção que caso recusasse iria originar "o colapso no grupo" que era responsável directo por cerca de seis mil postos de trabalho. ■



Colaboradores do BPN perdem 10 milhões de euros com as acções do grupo que compraram há cinco anos

Cristina Ferreira e Ana Brito

Os colaboradores da Sociedade Lusa de Negócios (SLN) e do Banco Português de Negócios (BPN) que foram aliciados, em 2004, pelo ex-CEO, José Oliveira Costa, para comprarem acções do grupo, vão perder os seus investimentos - cerca de 10 milhões de euros. Em causa está a Nexpart SGPS, veículo que foi usado para juntar as acções dos trabalhadores e cujo futuro levou a que, no início de 2008, Francisco Garcia dos Santos, presidente da empresa, escrevesse um relatório não assinado a alertar os accionistas para a necessidade de novas estratégias.

Em 2004, no quadro do sexto aniversário do grupo, Oliveira Costa escreveu uma carta aos colaboradores, convidando-os a envolverem-se nos destinos do BPN/SLN através da aquisição de acções, designadamente, com recurso a financiamento bancário. Aderiram a esta iniciativa 720 trabalhadores. Subscreveram os títulos a 1,8 euros cada, tendo muitos recorrido a crédito para assumir as suas posições accionistas. Na altura, Oliveira e Costa anunciou a criação da Nexpart SGPS para juntar as participações dos funcionários, tendo o próprio ex-CEO garantido 10 por cento da empresa, o que lhe assegurava a presidência.

A Nexpart, que se encontra em processo de liquidação, possui um capital social de 6,150 milhões de euros e capitais próprios de 11 milhões. Com a nacionalização do BPN, os 720 trabalhadores do grupo perderam os seus investimentos na SLN. A comissão liquidatária estima que as perdas ascendam a noventa por cento do valor aplicado. Oliveira Costa remunerava os accionistas da Nexpart, com as mais-valias obtidas com a venda a terceiros, de acções detidas em carteira pela sociedade.

“Não posso comentar”, disse ao PÚBLICO Garcia dos Santos, ex-accionista da Fincor e actual gestor da Nexpart, onde possui uma posição accionista. A sua ligação ao BPN surgiu em 2002, quando a Fincor, de que era fundador e que detinha o Banco Insular (BI), foi alienada ao grupo de Oliveira e Costa. O BI - através do qual foram realizadas operações suspeitas do grupo BPN - ficou de fora do negócio, acabando por ser alienado à Insular Holding, que só mais tarde se soube estar ligada ao BPN. Foi num

contexto de um convite que Oliveira Costa lhe endereçou em 2007, para presidir ao cabo-verdiano BPN IFI, que Garcia dos Santos se envolveu mais activamente no grupo.

O corretor foi já este ano chamado ao Banco de Portugal (BdP) para esclarecer se foi o autor de um documento interno apresentado em Fevereiro de 2008 aos accionistas da SLN, de que é também accionista, e que não estava assinado. O relatório mencionava eventuais responsabilidades criminais relacionadas com a ligação do BPN ao Banco Insular. E referia a existência de um *e-mail* enviado pelo supervisor, em Maio de 2007, ao BPN solicitando informações sobre a relação com o BI. Na comissão de inquérito parlamentar foram feitas referências ao *e-mail*, mas com data posterior. Ouvido pela equipa do vice-governador do BdP, Pedro Duarte Neves, o PÚBLICO apurou que Garcia dos Santos explicou a ausência da assinatura pelo facto de o relatório ter sido escrito com base em vários contributos. O corretor salientou ainda que a iniciativa surgiu de accionistas do BPN, designadamente da Nexpart, que desejavam ajudar a resolver os problemas do grupo, apontando para novos caminhos. Contactado para se pronunciar, o BdP optou por não o fazer.



Os impactos da derrocada do BPN chegam aos trabalhadores

Polémica



TEMPESTADE
LUÍS ANICETO

Já considerado o melhor jogador do Mundo, o futebolista Luís Figo assume relação contratual com o BPN, mas diz-se ainda na expectativa para perceber quais são as intenções do banco

Figo enredado na teia do BPN

Com uma relação contratual **com o banco desde 2000, jogador do Inter assume** que a “associação é negativa”

POR: HUGO LOURENÇO
hlourenco@meiahora.pt

Acada vez mais intensa e regular associação entre a banca e o futebol tem destas coisas. Luís Figo tem um chorudo contrato publicitário com o Banco Português de Negócios (BPN) desde 2000, mas veio agora assumir que está “desagradado e surpreendido” com a conhecida situação da entidade.

Miguel Macedo, representante dos direitos de imagem do internacional português, já afirmou que “o Luís Figo foi apanhado no meio de uma tempestade muito grande”. “O banco teve a situação

que teve e o Luís não é imune [...], agora está na expectativa para perceber quais são as intenções do BPN, sendo certo que até agora têm cumprido.”

Valor do acordo entre Figo e o BPN ronda o meio milhão de euros

Cumprir contrato. O responsável que lidera a International Sports Management (ISM), empresa que gere os direitos de imagem do jogador do Inter de Milão, assegura

que o jogador do Inter vai cumprir o compromisso, mesmo que não seja muito positivo para a sua imagem estar associado ao banco criado por José Oliveira e Costa, ex-presidente do BPN, que está actualmente detido em prisão preventiva.

Oliveira e Costa. O ex-líder do banco liderou o conselho fiscal da Fundação Luís Figo durante seis anos, tendo sido substituído por Vieira de Almeida a 1 de Janeiro. Além do contrato de cedência dos direitos de imagem ao BPN, as ligações de Figo ao banco alargam-se, assim, à sua fundação.